

RESENHAS CRÍTICAS

SIMÕES, Manuel (1991). *II Canzoniere di D. Pedro, Conte di Barcelos*. Edizione critica, con introduzione, note e glossario, Roma, Japadre Editore, L'-Aquila, 133 p.

Este é mais um volume da valiosa coleção *Romanica Vulgaria*, dirigida pelo eminente catedrático da Universidade La Sapienza, de Roma, Prof. Dr. Giuseppe Tavani. Nessa coleção, dedicada aos estudos românicos, como desde o título já se anuncia, ocupa a língua portuguesa lugar proeminente.

Neste seu trabalho, edita o prof. Manuel Simões criticamente o corpus poético de D. Pedro de Portugal, composto de quatro cantigas de amor, cinco de escárnio e um sirventês moral. As partes integrantes do livro estão assim ordenadas: a) manuscritos; b) obras impressas citadas em forma abreviada; c) Introdução, desdobrada em: o personagem histórico e a poesia; d) Textos, o corpus poético, precedido de breves informações sobre os critérios da edição; e) Glossário.

O estudo de cada texto obedece à seguinte estrutura: texto crítico, com respectivo aparato; ficha métrico-rítmica; tradução; ficha retórico-estilística; notas. O aparato faz minucioso confronto das variantes dos mss. com o texto fixado e enumera as edições diplomáticas e críticas do cancionero, ainda que parciais. Às notas são de cunho filológico; o valor semântico encontra-se no glossário. Não há intenção de ordem etimológica.

As edições críticas utilizadas são as de Teófilo Braga, José Joaquim Nunes, Corrêa de Oliveira-Saavedra Machado, José Pereira Tavares, Rodrigues Lapa, Pinheiro Torres, Fernando V. Peixoto da Fonseca. Tavares (uma cantiga), Pinheiro Torres (duas cantigas), Oliveira-Machado (uma cantiga) são editores de antologias. A edição das *Cantigas de Escárnio e Maldizer*, de Peixoto da Fonseca, vem citada uma só vez. Rodrigues Lapa é autor consultado para as cantigas de escárnio, das quais preparou, como se sabe, a melhor edição. Lindley Cintra é citado a propósito do sirventês moral, de que faz uma leitura, com base no CV, em sua edição da *Crónica Geral de Espanha de 1344*, vol. I:CLXI.

Os critérios para a edição não discrepam, em essência, dos normalmente adotados. Divergências soem ocorrer, p. ex., quando se trata da representação das vozes nasais, em posição final. Em posição interna, o usual é adotar a norma ortográfica vigente: **m** antes de consoante labial, **n** nos outros casos. Em posição final, Celso Cunha, em *Codax*, diz:

Não havendo distinção quanto à nasalidade final, que ora é expressa por **m**, ora por **n**, ora por **til**, uniformizamo-la em **-n**, para evitar as grafias **-am** e **-em**, que, hoje, simbolizam respectivamente o ditongo **-ãw** átono e o ditongo **-êy** (ou **-ãy**, em certas regiões de Portugal). (38)

O Prof. Simões assim não procede, pois nos *Criteri*, dá outras indicações, a saber: No tocante à resolução de abreviaturas, esclarece "compendio di nasale = **m** dinanzi a consonante labiale e in fine di parola, **n** negli altri casi"; "dinanzi a labiale ho regularizzato in **m** la nasale, comunque scritta", (item b); "ho rispettato le oscillazioni grafiche esistenti nei codici, tranne... per **m**, che ho passato a **n** in posizione mediana dinanzi a consonante non labiale (e viceversa), lê-se no item d.

Como se vê, não se fala em til e, em posição final, ao contrário de Celso Cunha, prefere **m** (e não **n**). Portanto estão justificadas as grafias **nom**, **razom**, **rem**, **tomam**, **galardom**, **som** e outras semelhantes.

No entanto noto o seguinte: *Cantiga d'Amor* IV, v. 1/73 **Non** (nos mss. **Non** V e (N) on B) mas **nom** passim (v. 4/76); nos mss. **Nõ** em B e em V muito apagado.

Quanto à grafia da final **-em**, não há indicação nos *Criteri*, mas, segundo o texto, cremos que a decisão foi grafar com **-m** final os monossílabos e com **-n** os polissílabos. Temos, p. ex., **bem** (v. 1, etc.), **rem** (v. 14 etc.), **nem** (v. 22 etc.), **quem** (v. 107). Todavia noto oscilações. Assim, na p. 39, está (v. 2) "aquele dia **en** que m'El foy monstrar" e (v. 5) "E o dia **em** que mh-a fez veer".

Os polissílabos anoxítonos em **-em** estão grafados **-en**: **poden** (v. 19), **comen** (v. 106), **saben** (v. 125), **fazen** (v. 177), entre outros. No entanto ocorre **dizem** (v. 93), **fazerem** (v. 161), além do pron. **outrem** (v. 34). Mesmo, quando oxítona, a forma verbal vem grafada com **-en**. Na p. 58, p. ex., **tem** (v. 79) rima com **conven** (v. 82). No Glossário, o A. distingue **sen**, subst. de **sem**, prep. Contudo, nos v. 57 e 124, **sen**, subst. aparece grafado **sem**. Nos *Criteri*, como vimos, o Prof. Simões não fala em til; todavia grafa **ha** (v. 3), **a** (v. 75, 128, 185), **la** (v. 218), **na** (v. 221) nenhuma (v. 224). O indefinido **algum**, na Cantiga I, vem grafado **algun** (v. 23) e **algum** (v. 9), embora no Glossário, na transcrição desta segunda ocorrência, esteja **algun** e não **algum**. Em ambos os mss. o que se lê é **algu**. Por que não usar o critério de Celso Cunha, em *Zorro*, 39: "A nasalidade medial, indicamo-la... por **til**, quando a vogal nasal antecede outra vogal"?

Numa edição da qualidade desta que nos deu o Prof. Manuel Simões, uma revisão dos critérios referentes às vogais nasais seria bem-vinda.

Os textos críticos são apresentados com muito rigor ecdótico e seguro conhecimento da linguagem arcaica. Dão-se as fontes manuscritas, indicam-se as edições diplomáticas, críticas e interpretativas, o aparato se desdobra em duas partes, uma de caráter diplomático e outra de natureza crítica, estuda-se a métrica e a rítmica de cada cantiga, faz-se a tradução para o italiano, vai-se a uma análise retórico-

estilística das cantigas. As notas, substanciosas e pertinentes, são as necessárias e suficientes. Belo modelo de trabalho monográfico no campo da Ecdótica.

A prática dos copistas medievais, no entanto, é bastante imperfeita. Não há critério para união e separação de palavras, as letras e os sinais às vezes se confundem, nem sempre se respeita a disposição dos versos das cobras e as distrações na escrita revelam pena pouco atenta. Daí a necessidade de conjeturas e interpolações. Por isso as edições críticas de textos medievais apresentam, e sempre apresentarão sensíveis divergências.

P. ex., CONORTAR, (por **confortar**) C 1,16. que está em B e V, será uma forma arcaica ou um lapso dos copistas?

Outro exemplo: C III, 14. Em ambos os mss. "seu poder". Contudo a rima com "deu" exige **poder seu**. Por isso os editores tiveram de fazer a inversão: "poder seu". Qual a razão do "erro" dos copistas, pois sem dúvida erro houve?

Em C V, 8, está (V, c 168r) "selhy na terra qui mais morar" (v. 8); ou seja "se lhi na terra qui mais morar". O verso é hipômetro, já que se trata de um decassílabo masculino. Lapa quis consertar o anisossilabismo, lendo [e] na terra. O Prof. Simões preferiu acrescentar uma sílaba e **morar**, que passou a **demorar**. E assim se justifica: "la soluzione più economica sembra quella di emendare **morar** in [**de**]morar."

Lapso do copista ou aparente hipometria? No ms. se lê muito claramente **morar**. Penso, pois, que aqui é melhor respeitar o texto original. Há, como se sabe, vários casos de hiper- e hipometria nas cantigas trovadorescas e, para cada caso, buscar-se-á uma explicação **ad hoc**.

Veja-se, p. ex., o v. 14 (C VI) do "Sirventese Morale" (p. 67). No ms. (V 168) o que se lê é: "selhis peitar auelodoul o pedir". O segmento **selhis peitar** é o final do verso anterior, transposto para o verso seguinte por falta de espaço na respectiva linha. O verso 14, portanto, octossílabo masculino, reduz-se a "auelodoul o pedir". Cintra (CGE, I, CLXI) leu "avelo á u lho pedir". Lapa (CEM, nº 325) aceitou a leitura de Cintra e assim a apresentou: "avê-lo-á, u lho pedir". Simões também acompanha Cintra, embora reconhecendo não estar a sua leitura plenamente justificada paleograficamente, e nos dá a seguinte forma escrita: "avê-lo [-á] u l[h]o pedir" (pus entre parênteses retos o que no texto está entre parênteses agudos). Realmente, o que significará **auelodoul**? Não admira, pois, que nas apostilas do Prof. Simões compareçam algumas **cruces desperationis**.

Alguns fatos da sintaxe arcaica podem ser destacados. Assim, na C VII, p. 73, v. 1-3: "Um cavaleyro avya / ùa tendo muy fremosa / que, cada que n'ela s'ia, / asaz lh'era saborosa", onde **cada que** equivale a **cada (vez) que, sempre que**.

Em C III, v 12, lê-se: "que de bom prez e sem e parecer" (p. 51) Em **bom prez e sem e parecer** temos um e anafórico, copulativa esta muito do gosto dos trovadores

galego-portugueses. Registro exemplo semelhante em Martin Moya: "ca ssa mesur' e seu muy bon falar / e sseu bon sém e sseu bon parecer / tod' é meu ben;" (Martin Moya, *Le poesie*, ed. a cura di Luciana Stegagno Picchio, Roma, L'Ateneo, 1968, p. 190, XVI, v. 4-6).

Em C VIII, ocorre um caso de infinito flexionado: "Natura das animalhas / ... / é de fazerem crianza" (p. 79). Exemplo interessante, porque confirma a existência dessa forma verbal no galego-português desde a fase mais antiga da língua.

É particularmente grato a um professor do mundo da lusofonia ver o interesse, o gosto, a proficiência com que mestres da área não lusófona, em especial da Itália guardiã da latinidade, têm contribuído para o melhor e mais adentrado conhecimento da língua portuguesa. O Prof. Manuel Simões, com este seu trabalho, vem juntar-se à grei dos notáveis cultores do idioma lusíada, na esteira de um Ângelo Colocci, Ernesto Monaci, Enrico Molteni, Sílvio Pellegrini, Cesare De Lollis, continuados por Luciana Stegagno Picchio, Giuseppe Tavani, Ettore Finazzi-Agrò, Giulia Lanciani, Valeria Bertolucci Pizzorusso, Barbara Spaggiari, Walter Pagani, Saverio Panunzio, Fernanda Toriello. E não tivemos a intenção de ser completos.

No ocaso do século XX, que parece também ser o ocaso de uma civilização é reconfortante verificar que o Humanismo continua vivo e que ele, só ele, poderá permitir a travessia de um mundo que se exaure para um outro que está para irromper das brumas do presente.

Sílvio Elia
